

# EXPEDIÇÕES PEDAGÓGICAS NA PANDEMIA: O TRABALHO DE CAMPO REMOTO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Carla Sass Sampaio <sup>1</sup>

## RESUMO

O presente trabalho busca apresentar os aspectos positivos das expedições pedagógicas com estudantes do 5º do Ensino Fundamental do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, o Colégio de Aplicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CAp-UERJ). As experiências vividas relatadas na pesquisa se referem ao ano letivo de 2020, quando experimentávamos o ensino remoto com crianças da escola básica e precisávamos adaptar o trabalho de campo, realizado no ensino presencial. Apresentaremos as estratégias e possibilidades que encontramos para sairmos dos limites da escola e das casas através das telas e seus resultados. No CAp-UERJ estamos constantemente buscando a formação de alunos pesquisadores, que participem da atividade de campo, sendo motivados e estimulados a pensar criticamente. Dessa forma, confrontam informações associando a aula teórica ao momento vivido/vivenciado, à prática. Esse estímulo possibilita ao educando um motivo maior de aprender e de formar conhecimento pelo desafio do pensar crítico.

**Palavras-chave:** Pandemia, Ensino Remoto, Anos Iniciais, Expedições Pedagógicas, Trabalho de campo.

## INTRODUÇÃO

Era 2020, pandemia da COVID-19. Vivíamos todos um panorama histórico deliciado e frágil, principalmente para as crianças, afastadas das escolas, do ensino, do convívio social. O país e o mundo pararam buscando estratégias remotas que permitissem o trabalho e ensino à distância para escola básica, o que não é uma tarefa simples, ainda mais para os anos iniciais do Ensino Fundamental. Muitas discussões e lives surgiram para debate do assunto, repensando o currículo e novas formas do fazer pedagógico.

No Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, o Colégio de Aplicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CAp-UERJ) tínhamos, ainda, um agravante: o calendário escolar da instituição estava sendo ajustado pelas necessárias interrupções com greves de servidores nos anos anteriores, em busca de

---

<sup>1 1</sup> Professora Mestre, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, [carlinha\\_sass@hotmail.com](mailto:carlinha_sass@hotmail.com).

melhorias salariais e benefícios, fazendo com que o primeiro dia de aula do ano letivo de 2020 fosse exatamente no dia 16 de março, dia este em que era decretado o começo do isolamento social no país. Fronteiras fechadas, ordens de isolamento, uso de máscaras, distanciamento social, comércio fechado! Somente serviços essenciais funcionando. Clima de tensão e medo, tristeza e luto. Crianças isoladas e sem aula.

À princípio, não estavam explícitas a dimensão e a expansão do coronavírus e sua real gravidade. Tudo parou. A escola também. Foram meses de discussão e reflexão de como atender os estudantes. Além disso, iniciar um novo ano letivo nesta fatídica data tinha diversas implicações: tinham crianças novas na escola, que não conheciam suas professoras e colegas, em novas turmas. Ao final do ano letivo de 2019 havíamos feito um remanejamento dos estudantes antigos na escola em novos grupos. Era tudo novo. Como montar um planejamento, ensinar, cobrar atividades e até mesmo conhecer crianças do 5º ano do Ensino Fundamental, de nove e dez anos pela tela? Como contar com o suporte familiar dos responsáveis sem conhecer suas histórias? Como garantir o acesso a todos os estudantes? Como envolver e dinamizar os encontros, tornando-os interessantes para os estudantes? O currículo precisou ser amplamente repensado.

Além disso, foram necessárias campanhas de doação de equipamentos e chips de dados móveis, mas só a distribuição não garantia o acesso dos estudantes. Houve muita luta, buscando condições mais justas e igualitárias para todos. Que desafio! Aos poucos fomos conhecendo, pelas telas, os estudantes, suas famílias, suas casas, seus parentes, seus animais de estimação e até mesmo suas rotinas! Aconteceram muitos encontros de conversa com os estudantes da turma 53. Houve perdas, choro, medo, aflição, ansiedade, mas também carinho, acolhida e solidariedade. A todo momento precisávamos adaptar nosso planejamento, pensando no bem-estar e acolhimento dos estudantes.

Mas e os conteúdos formais e procedimentais? Como avaliar o que a criança sabia, e o que havia aprendido? Como saber se estavam fazendo as atividades propostas sozinhos? Eram muitas questões. O currículo precisou ser repensado pelas professoras, pela equipe, pelo departamento, por toda a escola. Os projetos de trabalho, que sempre fizeram parte do planejamento pedagógico escolar, foram grandes aliados para enfrentarmos estes desafios.

Mas, e as expedições pedagógicas, aquelas atividades externas de pesquisa e aprendizagem, tão esperadas pelos estudantes? Quando realizamos Expedições

Pedagógicas nos Anos Iniciais do CAP-UERJ, buscamos construir conhecimento além da sala de aula, estruturar, organizar e realizar atividades que possibilitem o ensinar em outros espaços. Mas como fazer isso remotamente? Como levar os espaços até as crianças em suas casas? A tecnologia nos permitiu. No presente trabalho iremos as possibilidades que encontramos de sair dos limites das escolas através das telas.

## **METODOLOGIA**

As expedições pedagógicas, também chamadas “aulas de campo” são atividades praticadas fora da escola, que favorecem a interação disciplinar através de uma abordagem de temas socioculturais relevantes para a compreensão crítica e reflexiva da realidade. São elas que permitem aos alunos relacionarem vários conceitos, valores, procedimentos e atitudes às suas práticas cotidianas.

Para que uma aula de campo transcorra bem e que se desenvolva com sucesso, principalmente para o processo de ensino-aprendizagem, é de fundamental importância que se elabore um bom planejamento. Essas atividades, quando bem planejadas e orientadas, instigam os alunos à observação e à comparação, associando as análises às suas realidades, além de trabalharem com diferentes formas de registro e interpretação, que envolvem a leitura, a escrita e diversas maneiras de expressão.

O planejamento envolve algumas etapas, começando pelas atividades prévias à Expedição, que vão desde a elaboração do calendário, levantamento de lugares relacionados aos projetos de trabalho de cada ano de escolaridade, busca e construção de sequências didáticas, organização das questões burocráticas. Depois acontecem as atividades do dia da vivência, com todo o trabalho e responsabilidade de conduzir um grupo de estudantes para fora da escola.

Para concluir o trabalho, os alunos avaliam a Expedição e realizam registros, que ajudam na aprendizagem, encorajando a reflexão, clareando as ideias e agindo como um catalisador para as discussões em grupo. Os registros são variados, de acordo com o local de saída e a faixa etária dos estudantes, mas sempre servem como uma avaliação da atividade para os professores, por demonstrarem o quanto os alunos aprenderam. Podem ser feitos coletivamente, individualmente, em duplas ou grupos.

No CAP-UERJ a maioria das Expedições Pedagógicas estão relacionadas aos projetos de trabalho de cada ano de escolaridade, entretanto, as visitas à museus, cinemas, teatros e locais históricos também são consideradas saídas pedagógicas que ampliam o repertório cultural do estudante além dos muros da escola, fator importante para a formação integral do aluno-cidadão.

Em função de nossas limitações físicas e espaciais, precisamos nos utilizar das tecnologias para fazermos as visitas. Descobrimos diversos sites de visitas à museus, exposições e institutos online e abertos ao público. Os tours virtuais foram ambientes de muito estudo e aprendizagens.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Atualmente vivemos em uma sociedade dinâmica, que antes mesmo da pandemia do coronavírus, já sentia necessidade de o meio digital estar cada vez mais presente no cotidiano das crianças e dos sujeitos como um todo. A busca de atualização das práticas e ensino, dentro e fora da sala de aula, de uma didática mais atraente e de proporcionar aulas mais envolventes fazem com que os estudantes permaneçam interessados nos conteúdos a serem trabalhados.

Nesse contexto, destaca-se a aula de campo como um importante recurso didático, facilitador da aprendizagem. Tendo em vista as necessidades por busca de estratégias didáticas que contribuam na relação entre professores e alunos, o trabalho fora da sala de aula tende a auxiliar a construção do conhecimento.

Comprovando nossa prática, temos estudos de teóricos relevantes como referenciais. Compartilhamos concepções como a de Celestin Freinet (1973), entendendo as “aulas passeio” como experiência e possibilidade para que o aluno chegue ao conhecimento; dos estudos de Bakhtin (2009), que comprovam o sujeito como ser constituído socialmente, a partir da interação verbal na relação com o outro e de Vigotski (1994), que entende que todo o conteúdo adquirido e vivenciado implica numa tonalidade afetiva.

Para Viveiro e Diniz (2009), a aula de campo se propaga também como um aumento de afeto e confiança entre discentes e docentes. Carbonell (2002) destaca que os espaços fora da sala de aula despertam a mente e a capacidade de aprender, pois se

caracterizam como espaços estimulantes que, se bem aproveitados, se classificam como um relevante cenário para a aprendizagem. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), as Aulas de Campo são consideradas formas de estudo muito mais cativantes e prazerosas no processo de ensino-aprendizagem. Nessa linha de raciocínio, as Diretrizes Curriculares Gerais da Educação Básica recomendam que:

A organização curricular assim concebida supõe outra forma de trabalho na escola, que consiste na seleção adequada de conteúdos e atividades de aprendizagem, de métodos, procedimentos, técnicas e recursos didático-pedagógicos. A perspectiva da articulação interdisciplinar é voltada para o desenvolvimento não apenas de conhecimentos, mas como também habilidades, valores e práticas (BRASIL, 2013, p. 34).

Contudo, é comum o trabalho de campo ser relacionado à área de conhecimento da geografia, deslocando toda a possibilidade de interdisciplinaridade das atividades. Nesse sentido, Antunes (2002) ratifica tal importância ao ensinar que:

Muitos professores acreditam que uma aula de campo ou mesmo uma explanação feita além dos limites das paredes das salas de aula seja viável apenas para Ciências ou Geografia. Essas disciplinas, é evidente, apresentam temas bem mais plausíveis de serem examinados através de uma excursão, mas se outros professores de outras disciplinas planejarem eventuais saídas com os alunos e as promoverem como produto de um projeto, com objetivos claramente definidos, com a clara eleição de o que procurar e como se registrar o que se descobriu, ficarão surpresos de como é possível perceber conteúdos de suas áreas de trabalho nas ruas, na natureza ou nas múltiplas relações interpessoais proporcionadas por essas aulas de campo ou excursões. O importante nessas oportunidades é que o aluno aprenda a ver e descubra o contexto dos fatos percebidos em sala de aula, refletido no cotidiano das coisas e da natureza (ANTUNES, 2002, P. 157).

Dessa forma, as expedições pedagógicas se tornam relevantes por possibilitarem aos estudantes atividades que ficarão marcadas em suas vidas, além de proporcionar aulas diferentes, interativas, prazerosas e criativas, onde professores e alunos estreitam os laços da confiança, trazendo esses sentimentos de volta para o espaço da sala de aula.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

No CAp-UERJ as expedições pedagógicas com os estudantes fazem parte do planejamento de todos os anos de escolaridade do Ensino Fundamental, atendendo aos seguintes objetivos:

- a) utilizar métodos de pesquisa e de produção de textos de conteúdo histórico, aprendendo a ler diferentes registros escritos, iconográficos, sonoros;
- b) valorizar o patrimônio sociocultural e respeitar a diversidade, reconhecendo-a como um direito dos povos e indivíduos e como um elemento de fortalecimento da democracia.

No 5º ano do Ensino Fundamental, a lista de atividades de campos costuma ser extensa. Algumas de nossas visitas são muito esperadas pelos estudantes, desde que se tornam capitanos. A viagem à Paraty, por exemplo, costuma ser a culminância do Projeto “Viva o Povo Brasileiro”, onde pesquisamos e aprendemos sobre nossas origens e formações culturais na tríade, Povos Originários, Povos Quilombolas e Colonizadores Portugueses. Em uma só cidade conseguimos articular vivências da África e a cultura negra: as populações afrodescendentes brasileiras; a questão indígena no Brasil: história do povo Guarani e a importância da preservação do Patrimônio histórico-cultural.

Aqui, outras visitas que costumamos fazer com o mesmo ano de escolaridade:

- o Circuito Histórico e Arqueológico da Herança Africana
- o Estação de Tratamento de Água Guandú da CEDAE
- o Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ)
- o Centro Biomédico da UERJ
- o Paraty

Além dos locais esperados para visita do 5º ano, fazia-se frequente expedições culturais à museus, teatros, exposições, cinemas, fortalezas, pontos turísticos e circuitos históricos.

Com a pandemia da COVID-19 era impossível realizarmos tais visitas, mas a equipe do ano de escolaridade da qual eu fazia parte, se debruçou no objetivo de irmos além dos conteúdos “formais” do currículo. Foram pensadas e articuladas visitas online de espaços riquíssimos. Seguem abaixo os principais:

- EXPOSIÇÃO VIRTUAL “OS PRIMEIROS BRASILEIROS”, REALIZADA PELO PROJETO MUSEU NACIONAL VIVE.



Cartaz de divulgação e exposição disponíveis em: <https://osprimeirosbrasileiros.mn.ufrj.br/pt/>

- VISITA MONITORADA ONLINE “COMO OBSERVAR O CÉU”, REALIZADA E GUIADA PELO INSTITUTO DE ASTRONOMIA, GEOFÍSICA E CIÊNCIAS ATMOSFÉRICAS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (IGA-USP).



Cartaz de divulgação da atividade específica para o 5º ano do CAP-UERJ / Arquivo pessoal.

- VISITA VIRTUAL AO MUSEU IMPERIAL DE PETRÓPOLIS.

#### Visita Virtual



Imagem e visitação disponível em: <https://museuimperial.museus.gov.br/visita-virtual-2/>

- MUSEU FRIDA KAHLO, TAMBÉM CONHECIDO COMO CASA AZUL, NA CIDADE DO MÉXICO.



Imagem e visitação disponível em: <https://www.museofridakahlo.org.mx/es/el-museo/visita-virtual/>

- TOUR ONLINE 360° PELO CASTELO DA FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ).



Imagem e visitação disponível em: <https://portal.fiocruz.br/castelo-patrimonio-da-ciencia>

- VISITA ORIENTADA AO SITE DO INSTITUTO BUTANTAN.
- DIVULGAÇÃO DE OUTROS ESPAÇOS E VISITAIS ONLINE.

---

#### MUSEUS

Já que todos nós estamos em casa, cuidando com carinho de nossa saúde, que tal você aproveitar e fazer uma viagem virtual para conhecer os museus espalhados pelo mundo? Aproveite e depois comente com a sua família sobre o que visitou nos museus. Quem sabe ela aprenderá coisas novas com você? Quem sabe um dia poderão conhecê-los pessoalmente! Nunca saberemos como será o dia de amanhã e temos o direito de sonhar!!!!

Aqui está o link: <https://artsandculture.google.com/partner?hl=pt-br>

---

Proposta de visita online à museus do mundo todo para o 5º ano do CAP-UERJ / Arquivo pessoal.

Link de acesso ao site: [Coleções — Google Arts & Culture](#)

Quando questionados sobre a importância das expedições pedagógicas, os estudantes relatam a satisfação de estarem em outros espaços, conhecendo a história e tornando-se pesquisadores. Buscamos sempre relacionar teoria e prática, instigando os



alunos a observarem e compararem o que estão vivenciando com os conteúdos estudados no ambiente escolar.

Favorecer a contextualização dos conteúdos está entre nossos principais objetivos, além de, claro realizar atividades interdisciplinares, proporcionando um conhecimento mais significativo para os estudantes. Importante destacar também os ganhos obtidos na relação e vínculo professor-ensino-aluno que tais interações proporcionam.

Nesse sentido, buscamos sempre potencializar as Expedições Pedagógicas nos Anos Iniciais do CAP-UERJ, dando oportunidade aos estudantes de uma escola pública, de diversas realidades sociais e econômicas, irem além dos limites da sala de aula, construindo possibilidades de uma formação crítica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades externas impactam os alunos. Observando os resultados das saídas de sala de aula, surge a vontade de pesquisar os benefícios que as atividades de campo promovem nos educandos e as marcas que deixam em cada um. Embora as crianças sejam diferentes, percebemos que os aprendizados ao longo das Expedições Pedagógicas são fixados com maior facilidade pelos estudantes e de maneira mais prazerosa.

Diante dessa abordagem, entendemos que, para a concretização dos objetivos, a aula de campo não se configura como uma viagem ou passeio. Por se tratar de ambientes mais livres e criadores, os estudantes entendem essas atividades como valiosas e divertidas maneiras de aprender, permitindo que as crianças e os jovens levantem hipóteses, descubram novos conhecimentos e materializem a teoria trabalhada em sala. Como bem definem ALENTEJANO & ROCHA-LEÃO (2006), “fazer trabalho de campo representa, um momento do processo de produção do conhecimento que não pode prescindir da teoria, sob pena de tornar-se vazio de conteúdo”.

No CAP-UERJ, as atividades de campo são pedagógicas, contribuem na formação do aluno-pesquisador. A última parte do trabalho, também é considerada uma das mais importantes, tendo em vista que nesta sessão, deverão ser dedicados alguns apontamentos sobre as principais conclusões da pesquisa e prospecção da sua aplicação

empírica para a comunidade científica. Também se abre a oportunidade de discussão sobre a necessidade de novas pesquisas no campo de atuação, bem como diálogos com as análises referidas ao longo do resumo.

Nesse sentido, buscamos a formação de alunos pesquisadores, que participam da atividade de campo, são motivados e estimulados a pensar criticamente. Dessa forma, confrontam informações associando a aula teórica ao momento. Esse estímulo possibilita ao educando um motivo maior de aprender e de formar conhecimento pelo desafio do pensar crítico.

## REFERÊNCIAS

ALENTEJANO, P. R. R.; ROCHA-LEÃO, O. M. “Trabalho de Campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado?”. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, nº 84, p. 51-67, 2006.

ANTUNES, C. Novas maneiras de ensinar, novas formas de aprender. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BAKHTIN, M. M. Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. São Paulo: Hucitec, 2009.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura, Secretaria do Ensino Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica/Diretoria de Currículos e Educação Integral. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação. Brasília: MEC/SEB/Dicei, 2013.

FREINET, C. As técnicas Freinet da Escola Moderna. Tradução: Silva Letra. Lisboa: Editorial Estampa, 1973.

\_\_\_\_\_. Ensaio de Psicologia sensível. São Paulo: Martins Fontes, 1998

CARBONELL, J. A aventura de inovar: a mudança na escola. Porto Alegre: Artmed, 2002 (Coleção Inovação Pedagógica).

CORRÊA FILHO, J. J. Aula de campo: como planejar, conduzir e avaliar? Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. Nos textos de Bakhtin e Vygotsky: Um encontro possível. In: BRAIT, Beth (org.). Bakhtin, dialogismo e construção do sentido. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

GEGe, Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso. Palavras e contrapalavras: glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin. São Carlos: Pedro & João Editores, 2009.

KAUFMAN, A; RODRIGUEZ, M. Escola, leitura e produção de textos. Porto Alegre. Artes Médicas. 1995.

MARTINS, J. S. Situações práticas de ensino e aprendizagem significativa. Campinas: Autores associados, 2009.

VIGOTSKI, L. S. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

VIVEIRO, A. A.; DINIZ, R. E. da S. Atividades de campo no ensino das Ciências e na Educação Ambiental: refletindo sobre as potencialidades dessa estratégia na prática escolar. Ciência em tela, São Paulo, v. 2, n. 1, 2009.